



Análise

Banco do Brasil
BBAS3

Produzido por SIMPLA CLUB

Guilherme La vega

Última Atualização

O 3T25 do Banco do Brasil apresentou um conjunto de resultados mais fracos, porém amplamente em linha com as expectativas do mercado. O desempenho reflete um ambiente de crédito desafiador e a deterioração gradual da inadimplência em segmentos específicos. Diante desse cenário, o banco revisou seu guidance e reduziu a projeção de lucro para 2025, de R\$21 bilhões para R\$18 bilhões.

	Intervalo Anterior entre	Realizado 9M25	Intervalo Revisado entre
Carteira de Crédito¹	3% e 6%	7,3%	Mantido
Pessoas Físicas	7% e 10%	7,9%	Mantido
Empresas	0% e 3%	11,6%	Mantido
Agronegócios	3% e 6%	3,2%	Mantido
Carteira Sustentável	7% e 10%	8,0%	Mantido
Margem Financeira Bruta	R\$ bilhões 102,0 e 105,0	R\$ 75,3 bi	Mantido
Custo do Crédito²	R\$ bilhões 53,0 e 56,0	R\$ 44,0 bi	R\$ bilhões 59,0 e 62,0
Receitas de Prestação de Serviços	R\$ bilhões 34,5 e 36,5	R\$ 26,0 bi	Mantido
Despesas Administrativas	R\$ bilhões 38,5 e 40,0	R\$ 29,0 bi	Mantido
Lucro Líquido Ajustado	R\$ bilhões 21,0 e 25,0	R\$ 14,9 bi	R\$ bilhões 18,0 e 21,0

Guidance de resultados do BBAS.

Fonte: RI Banco do Brasil.

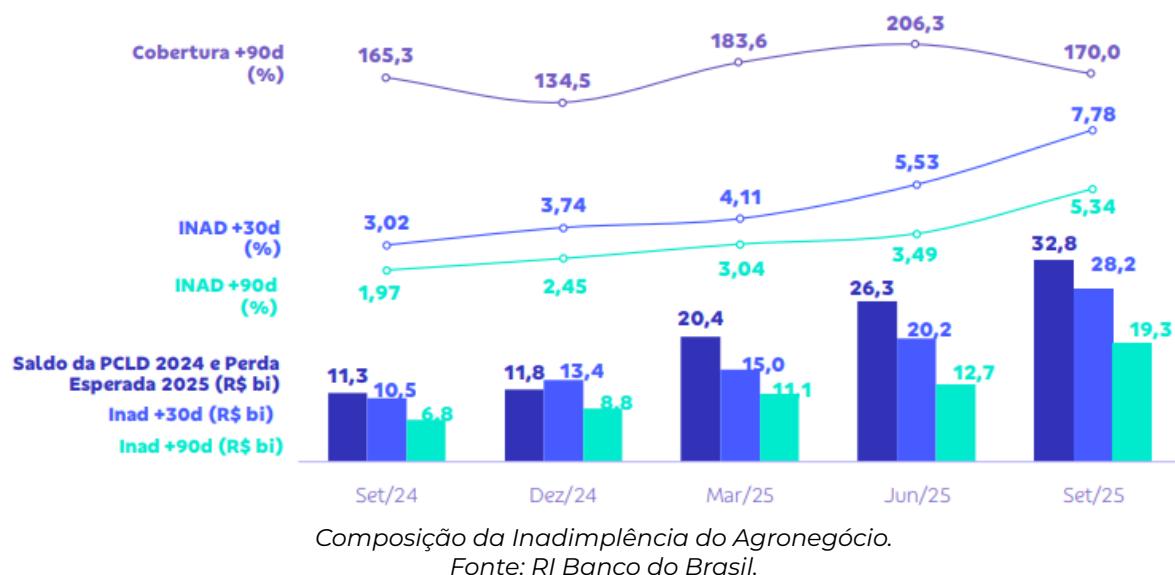
A carteira de crédito expandida encerrou o trimestre em R\$1,278 trilhão, queda de 1,2% t/t, mas ainda 7,5% acima do 3T24, influenciada principalmente pela desaceleração pontual em PJ e Agro. O comportamento está em linha com o cenário de maior seletividade de concessões, preservação de colaterais e deterioração setorial, especialmente no agronegócio, que afetou a originação de novas operações.

No segmento de pessoas físicas, o saldo avançou 7,9% a/a, alcançando R\$350,5 bilhões, com crescimento concentrado nas linhas de crédito

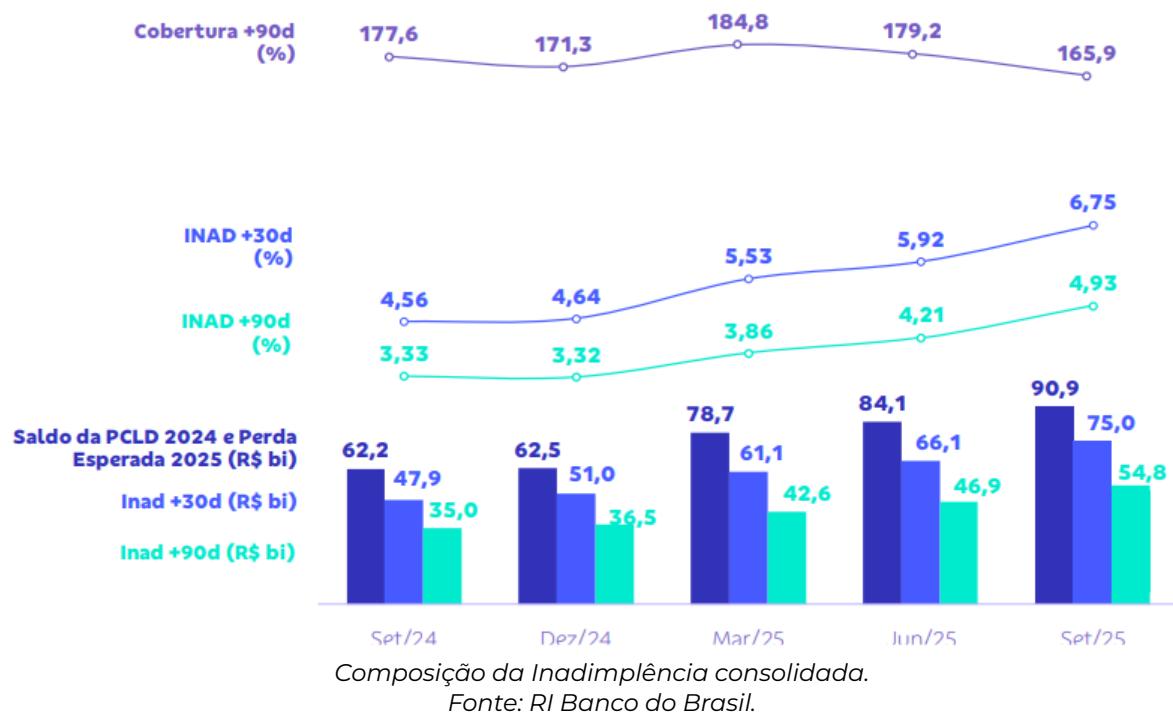
consignado e não consignado. O banco reforçou o uso de mitigadores, especialmente no consignado — incluído o *Crédito ao Trabalhador*, que já desembolsou mais de R\$9,2 bilhões em um milhão de operações no ano. Esse movimento tem ajudado a suavizar o risco de crédito no varejo.

Na carteira de pessoas jurídicas, o trimestre foi marcado por retração de 3,2% t/t, para R\$453 bilhões, após forte expansão em 12 meses (+10,4%). O segmento de grandes empresas encolheu 4,6% no trimestre, refletindo racionalização de risco após eventos adversos em casos específicos de grandes companhias, reconhecidos pelo banco. Ao mesmo tempo, as carteiras de MPMEs registraram queda de 2,7% t/t, apesar do avanço nos desembolsos com garantias via Pronampe e PEAC-FGI, cuja expansão superior a 28% t/t reforça a estratégia de originação com menor perda esperada.

No agronegócio, a carteira atingiu R\$398,8 bilhões (+3,2% a/a), mas recuou 1,5% t/t, pressionada por maior inadimplência em culturas sensíveis, sobretudo soja, e pela quebra de safra em regiões críticas do Centro-Oeste e Sul. A deterioração nesta carteira tornou-se o principal vetor de estresse do trimestre, contribuindo de maneira relevante para o aumento das provisões.



A inadimplência acima de 90 dias avançou novamente, encerrando o 3T25 em 4,93%, alta de 72 bps frente ao 2T25. O comportamento foi puxado principalmente pelo agronegócio, cuja inadimplência subiu para 5,34% (+185 bps t/t), refletindo dificuldades de liquidez entre produtores e maior incidência de pedidos de recuperação judicial. A inadimplência da carteira PF também subiu, atingindo 6,01%, pressionada por operações renegociadas e pelo desempenho mais fraco da linha de cartão de crédito. Em contraste, a inadimplência de PJ cedeu levemente para 4,06%.

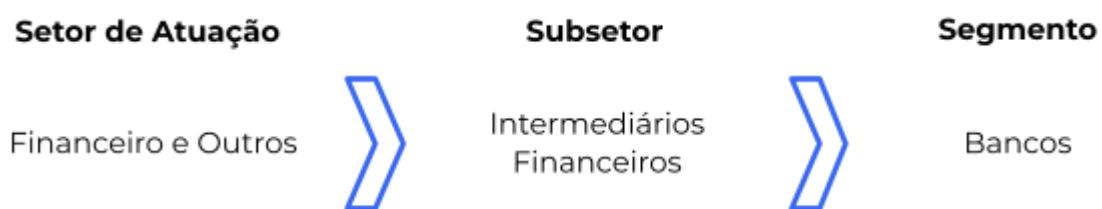


O índice de cobertura da carteira acima de 90 dias recuou para 165,9%, queda de 7,5 p.p. no trimestre, refletindo o descasamento entre a velocidade de deterioração dos ativos e o reforço de provisões. Embora ainda esteja em nível historicamente confortável, o movimento sinaliza menor folga para absorção de perdas adicionais caso a inadimplência continue subindo.

A lucratividade espelhou o quadro mais pressionado: o lucro líquido ajustado foi de R\$3,8 bilhões, estável t/t, porém 60% inferior ao 3T24. Mesmo fraco em termos absolutos, o resultado veio dentro do esperado, sustentado pela leve melhora da margem financeira bruta (+5,1% t/t) e pelo controle das despesas administrativas, que cresceram apenas 1,4% t/t.

Em termos de capital, o banco manteve solidez, com índice de capital principal em 11,16% e Índice de Basileia em 14,81%, ambos com expansão trimestral. Essa estabilidade reduz preocupações sobre necessidade de capital adicional diante das pressões de crédito.

Área de Atuação



O Banco do Brasil é uma das maiores instituições financeiras do país, com atuação em quase todo o território brasileiro e reconhecido pelo suporte de crédito ao agronegócio e crédito consignado às pessoas físicas. A instituição possui cerca de 86 mil colaboradores, quase 4 mil agências e mais de outros 7 mil pontos de atendimento.

Como banco múltiplo, que admite diversas operações, as atividades do Banco do Brasil podem ser divididas em cinco unidades, que são descritas a seguir. Na próxima figura, vemos a relevância de cada uma delas na sua composição da receita líquida.

- ❖ **Bancário:** abrange produtos e serviços tais como as operações de crédito, segmentado em pessoa física, jurídica e agronegócio. Também envolve as atividades de captações, por meio de depósitos à vista (conta

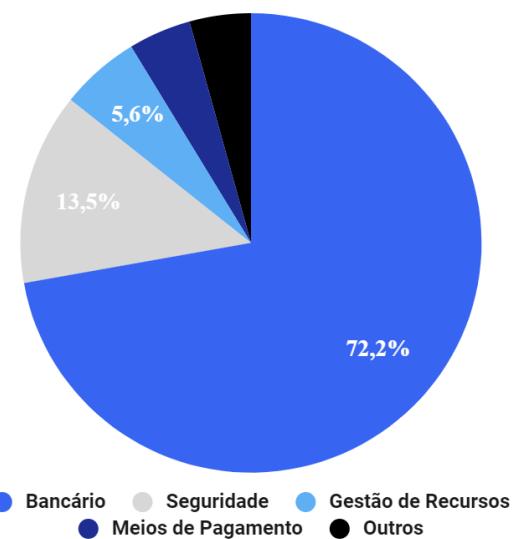
corrente), depósitos de poupança e depósitos a prazo (CDB, LCI, LCA, LF). É a unidade mais relevante no Banco.

- ❖ **Gestão de Recursos:** contempla as atividades de compra, venda, custódia, administração de carteiras, instituição e administração de fundos e clubes de investimentos. As receitas vêm principalmente das comissões e taxas de administração cobradas pela prestação do serviço.
- ❖ **Seguridade:** segmento que oferta produtos e serviços relacionados aos seguros de vida, patrimonial e automóvel, planos de previdência e planos de capitalização, operados pela sua controlada BB Seguridade. Os resultados dessa unidade provêm das tarifas, comissões e prêmios de seguros emitidos.
- ❖ **Segmento de Meio de Pagamento:** unidade responsável pela prestação dos serviços de captura, transmissão, processamento e liquidação financeira de transações eletrônicas (cartão de crédito e débito).
- ❖ **Outros:** com atuação na intermediação e distribuição de valores mobiliários, e participações societárias em outras empresas. Também abrange suporte operacional e consórcio.

A maior parte dos resultados da estatal são provenientes do segmento bancário e, em seguida, da unidade de seguridade. No caso da BB Seguridade, temos um relatório de análise completo sobre a empresa, mostrando onde, como e quanto a operação ganha de dinheiro em cada parte de sua carteira de seguros.

Inclusive, a BB Seguridade está entre as maiores empresas do seu segmento, o que mostra sua relevância no cenário nacional. Por conta

disso, nosso foco será voltado à parcela bancária, entendendo o que distingue o Banco do Brasil das demais instituições.



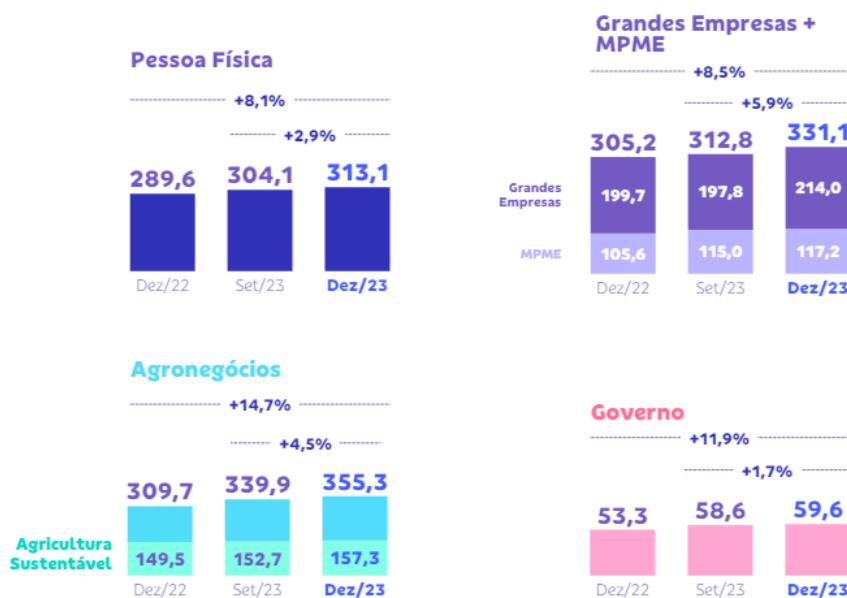
Composição da receita líquida.

Fonte: RI Banco do Brasil / Elaboração: Simpla Club.

Já que todos os “bancões” têm como principal fonte de receita a unidade bancária, é importante reconhecer quais são suas diferenças secundárias, nas demais linhas de negócios. Nesse caso, a segunda maior linha de receita do Banco do Brasil vem da venda de seguros, representada pela BB Seguridade.

No Bradesco também vemos a unidade bancária e, depois, a venda de seguros como as duas principais linhas de negócios. Já o Itaú tem como sua segunda maior fonte de receita a unidade de investimentos, através do Itaú BBA, focado em serviços destinados ao mercado de capitais. Já o Santander depende em grande parte dos resultados provenientes da sua unidade bancária devido ao foco nos clientes de varejo.

A carteira de crédito do BB está dividida entre quatro segmentos principais: Pessoa Física, Pessoa Jurídica (Micro, Pequenas e Médias Empresas e Grandes Empresas), Agronegócio e Governo, como mostra a figura abaixo.



Carteira de crédito Ampliada.

Fonte: RI Banco do Brasil.

Ao todo, a carteira consolidada de crédito da companhia acumula R\$ 1,1 trilhões, sendo uma das maiores do Brasil. Com isso, a parcela do agronegócio representa cerca de 32% da carteira de crédito da instituição, enquanto a parcela de pessoa física representa 28% e a parcela de pessoa jurídica 30%.

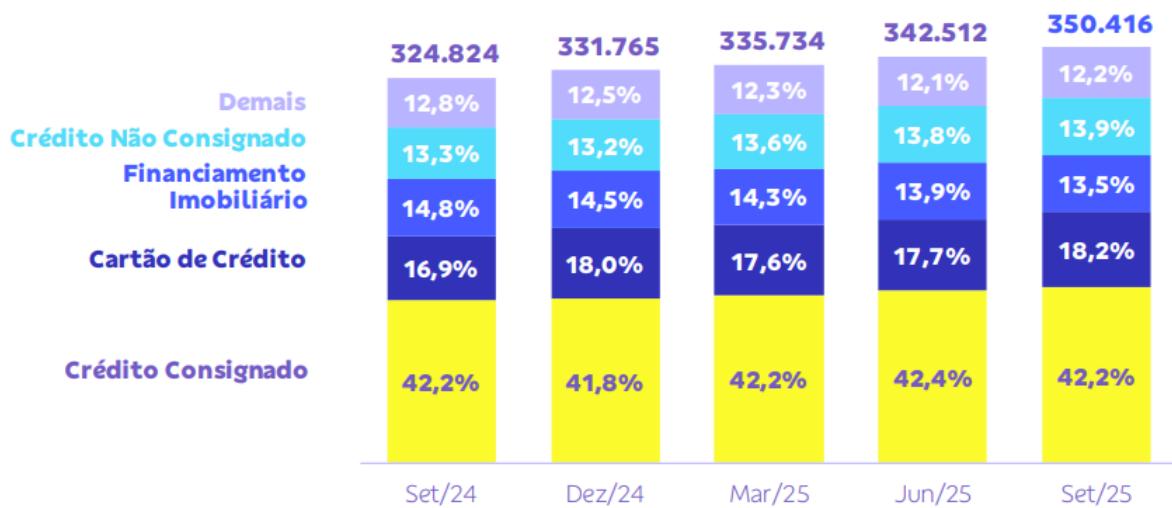
Novamente, conseguimos visualizar diferenças entre os principais grandes bancos, já que nenhum deles possui uma exposição tão grande ao agronegócio quanto o BB. Vale dizer que o agronegócio opera com um risco de crédito muito pequeno, com um baixo histórico de inadimplência.

O Banco do Brasil é a instituição com maior participação no mercado de crédito para o agronegócio, aproximadamente com 54% de *share*. Essa é uma modalidade de baixo risco, pelo fato de que os empréstimos são protegidos com garantias reais; ou seja, em caso de falência da tomadora, o Banco tem preferência de recebimento de bens, imóveis e demais rendimentos.

Já os empréstimos para pessoas jurídicas são destinados, majoritariamente, a crédito de capital de giro e em grande parte para médias e grandes

empresas, que por si só, também são instituições mais sólidas e com menores riscos.

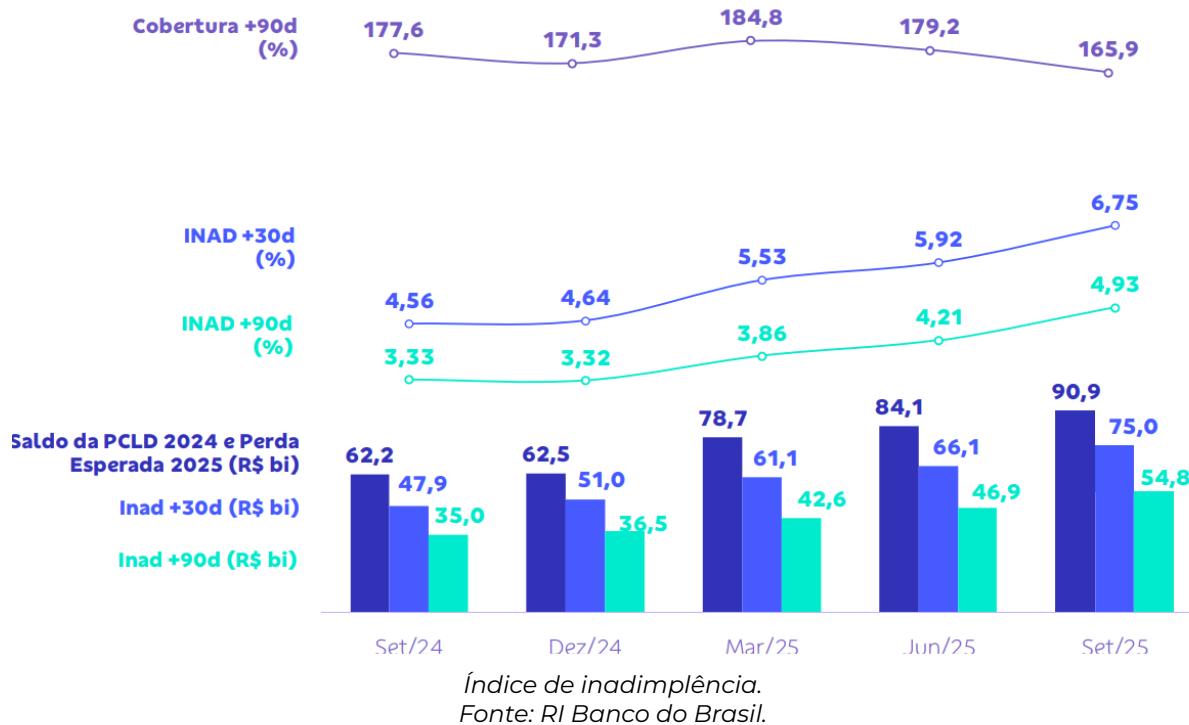
Quanto à carteira de crédito para pessoa física, que a princípio seria a mais arriscada entre as modalidades, o BB tem uma exposição de praticamente 58% para crédito consignado e financiamento imobiliário, que para essa classe de clientes ainda é o mais seguro, também pelo fato de existirem garantias.



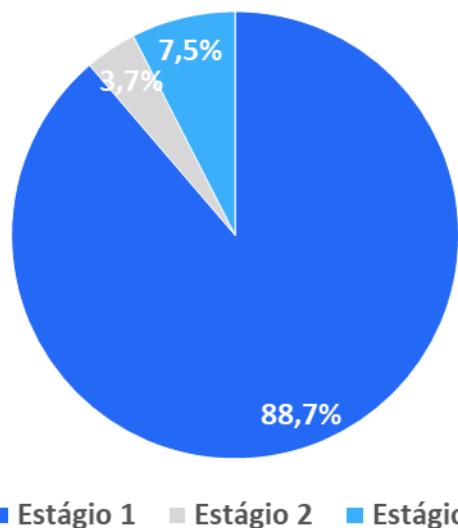
Composição da carteira de crédito PF.

Fonte: RI Banco do Brasil.

Portanto, ao reunir os três principais segmentos de crédito do Banco do Brasil, observamos um perfil mais defensivo quando comparado a outras instituições financeiras. Esse mix tende a resultar, no longo prazo, em níveis estruturalmente menores de inadimplência. Contudo, ao longo deste ano, a inadimplência apresentou alta, impactada sobretudo pela piora no agronegócio, que atravessa um ciclo particularmente negativo, marcado por queda de rentabilidade do produtor e recordes de pedidos de recuperação judicial.



Para observar a distribuição da carteira de crédito por nível de risco (*rating*) dos seus clientes, temos o gráfico abaixo. Vemos, portanto, que os clientes de melhor nível de crédito representam aproximadamente 89% de todo o crédito concedido pelo BB.



Carteira por nível de risco.
Fonte: RI Banco do Brasil / Elaboração: Simpla Club.

Por outro lado, quanto maior a segurança da carteira de crédito, menor será o *spread* cobrado dos clientes. Logo, o objetivo da gestão é encontrar um ponto ótimo em que exista uma carteira mais rentável dada a exposição ao nível de risco.

De modo geral, esperamos que o Banco do Brasil seja mais resiliente do que outros “bancões” durante os períodos de crise econômica. Isso porque a menor inadimplência requer menos provisionamento para devedores duvidosos.

Já nos momentos de crescimento econômico, quando a inadimplência geral tende a ficar mais baixa, outras instituições podem entregar melhores resultados por causa do maior *spread* com clientes.

História da Empresa

Fundado em 1808, o Banco do Brasil é a instituição bancária mais antiga do país. Quando só existiam três bancos emissores no mundo (Suécia, França e Inglaterra), o príncipe D. João, que deixou repentinamente Portugal, invadido pelas tropas de Napoleão, decidiu criar o BB.

Ao longo das décadas seguintes, o Banco do Brasil teve participação na criação da Bolsa de Valores no Rio de Janeiro e, após processo de abolição da escravatura, o Banco abriu linha de créditos para os fazendeiros recrutarem imigrantes europeus. Já durante a II Guerra Mundial, a estatal deu suporte aos Pracinhas brasileiros.

Em 1977, o Banco fazia sua abertura de capital no atual formato da Bolsa de Valores. Oito anos depois, foi criada a Fundação Banco do Brasil, instituição sem fins lucrativos, que tem importante participação em promover eventos culturais, sociais e esportivos, entre outros.

Em 1994, o Banco teve papel de destaque na substituição da moeda (Cruzeiro pelo Real), já que a instituição era a responsável pela distribuição da nova moeda em todo o país.

Já em 2017, o BB foi premiado pela B3 no programa de Destaque em Governança de Estatais, que busca certificar as companhias estatais que se comprometem, voluntariamente, com as melhores práticas de governança corporativa. Ainda neste ano, o Tribunal de Contas da União (TCU) criou o Índice Integrado de Governança e Gestão para avaliar a governança pública no Brasil, sendo o BB a instituição com a melhor pontuação.

Em 2018 e 2019, o Banco também foi eleito como a melhor instituição financeira bancária do país, com destaque para sua Governança Corporativa. BB e UBS, instituição de investimento suíço, acordaram na formação de uma parceria estratégica em atividades de investimento. Essa parceria traz ganhos de sinergia ao banco brasileiro que aproveita a expertise de distribuição da UBS.

Governança Corporativa

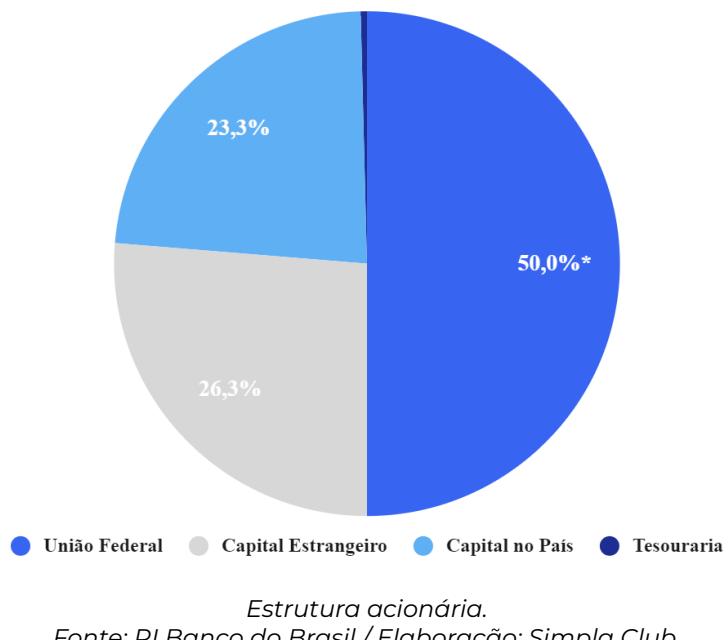
O Banco do Brasil está inserido no segmento de listagem Novo Mercado, o único banco entre todos os outros listados na Bolsa de Valores a estar listado nesse segmento. Essa é uma informação importante para o acionista minoritário que busca por proteção e transparência no investimento.

Ainda assim, o fato de ser capital misto e ser controlada pelo Governo traz à tona os mesmos problemas enfrentados por outras estatais, em relação às interferências políticas e à presença de “cabides eleitorais” na diretoria. Não só, os cargos de confiança no Banco podem ser trocados com frequência, interrompendo a sequência de trabalho daqueles profissionais.

É verdade que no seu histórico, o Banco do Brasil é menos afetado pelas questões políticas do que a Petrobras, por exemplo. Isso porque existem outros mecanismos de interferência política em bancos que não precisam passar pelos olhos dos acionistas.

Caso o governo queira intervir no setor financeiro, pode fazê-lo via BNDES, através de concessões de crédito às empresas ou até mesmo pela Caixa Econômica Federal, através de incentivos aos programas sociais.

A União Federal possui 50,000001% das ações do banco, o que faz dela a controladora da instituição, podendo assim, indicar seus conselheiros administrativos e membros da diretoria. A figura abaixo ilustra a composição acionária da empresa. No gráfico, o *free float* é composto pela junção do Capital Estrangeiro, com o Capital no País.



Riscos do Negócio

O Risco de Governança Corporativa envolve toda e qualquer tentativa de interferência política no comando do Banco, que pode minar a confiança

por parte dos investidores e, assim, afetar diretamente o BB, com o rebaixamento do *rating* e desvalorização das ações.

O rebaixamento dos *ratings* do Banco do Brasil pode afetar, entre outros pontos, o custo de captação de recursos, o acesso aos mercados de capitais e de dívidas, sua liquidez e, portanto, sua posição competitiva.

Não só, por ser uma instituição estatal de caráter essencial em um setor estratégico, o Banco pode ser vítima de uso indevido de informações privilegiadas, uso impróprio da máquina pública. E, então, ser vítima de corrupção, fraude e lavagem de dinheiro.

Além disso, em tempos de crise, aumentam-se os riscos de inadimplência e a provisão para devedores duvidosos. Embora a carteira do BB historicamente seja mais defensiva, em uma deterioração econômica o Banco é diretamente afetado, isto pois, alguns devedores não conseguem pagar os empréstimos e muitos outros negociam a taxa de juros para favorecê-los.

Além do mais, no Risco de Mercado, com o crescimento dos bancos digitais, o Banco do Brasil corre o risco de não conseguir competir com esse modelo de negócio mais “leve” e “enxuto”. Podendo perder participação no mercado, reduzindo assim, sua lucratividade e rentabilidade.

Por fim, é necessário destacar o Risco Regulatório, isto é, o Banco do Brasil está inserido em um setor altamente regulamentado, em que quaisquer mudanças nas leis e normas podem comprometer o resultado das operações do banco. A medida anunciada pelo Governo em aumentar o imposto CSLL para os bancos, durante o segundo semestre de 2021, foi um exemplo disso.

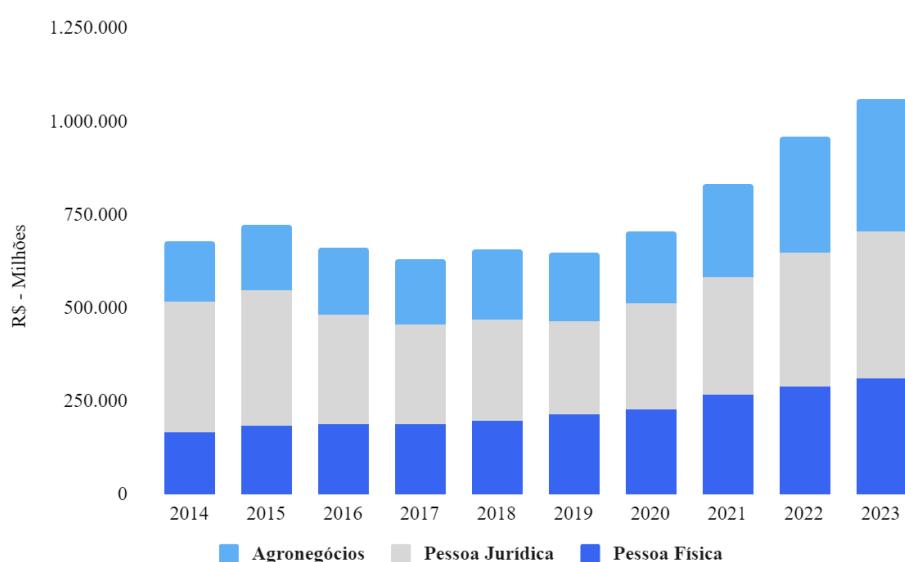
Resultados Anteriores

Os resultados históricos do Banco do Brasil ilustram bem o cenário de uma instituição madura e que sabe se defender mesmo durante períodos de crise. Mais do que isso, mostra uma empresa que soube se adaptar a um cenário de maior competição.

Na próxima figura, vemos a evolução da carteira de crédito do Banco. Nela, notamos como os segmentos pessoa física e agronegócio ganharam participação em detrimento da carteira destinada à pessoa jurídica, que via uma concorrência crescente e pressão nas margens.

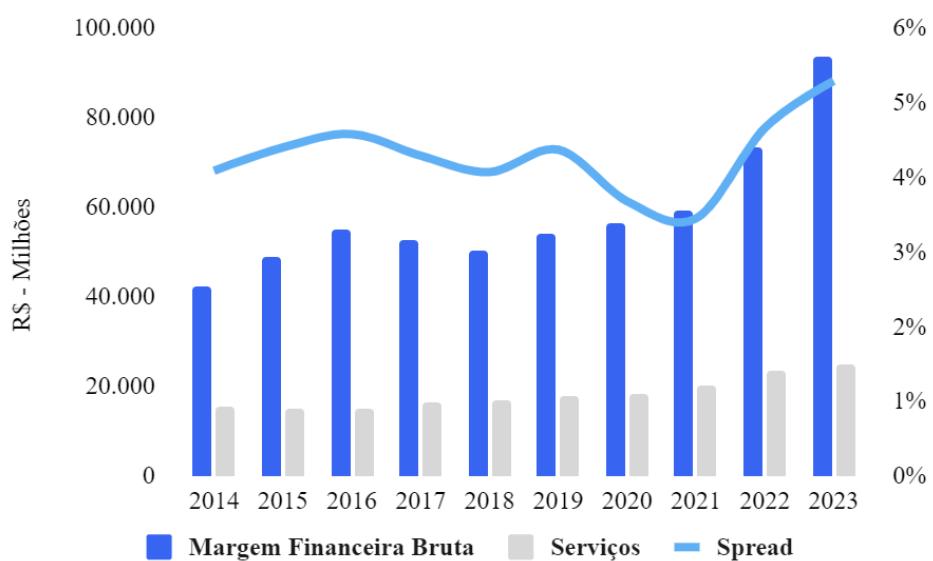
Os resultados, inclusive, reforçam que essa foi uma boa decisão, uma vez que a rentabilidade da instituição aumentou a partir de 2016. De 2014 até hoje, a parcela de agronegócio e pessoa física ganhou, cada uma, 5 e 7 pontos percentuais, respectivamente.

Além do mais, há muito tempo o Banco tem uma participação de mercado considerável no mercado de crédito consignado e crédito para o agronegócio. Focar nesses dois segmentos faz todo sentido, visto que já existe uma barreira competitiva maior.



Evolução carteira interna de crédito.
 Fonte: RI Banco do Brasil / Elaboração: Simpla Club.

Na figura abaixo, vemos como essa mudança no perfil da carteira de crédito impacta a margem financeira bruta da instituição. Lembrando que a margem financeira é quanto o banco ganha com operações de crédito e resultado de tesouraria, em suma.



Resultado operacional.
 Fonte: RI Banco do Brasil / Elaboração: Simpla Club.

Nesse caso, vemos que a margem financeira acompanhou o desempenho da carteira de crédito, embora o *spread* tenha sofrido uma leve queda em 2021, o indicador apresentou uma forte recuperação em seguida. Isto é, para o que o BB está disposto a fazer, seguindo seu modelo de negócios mais conservador, vemos que seus resultados são interessantes.

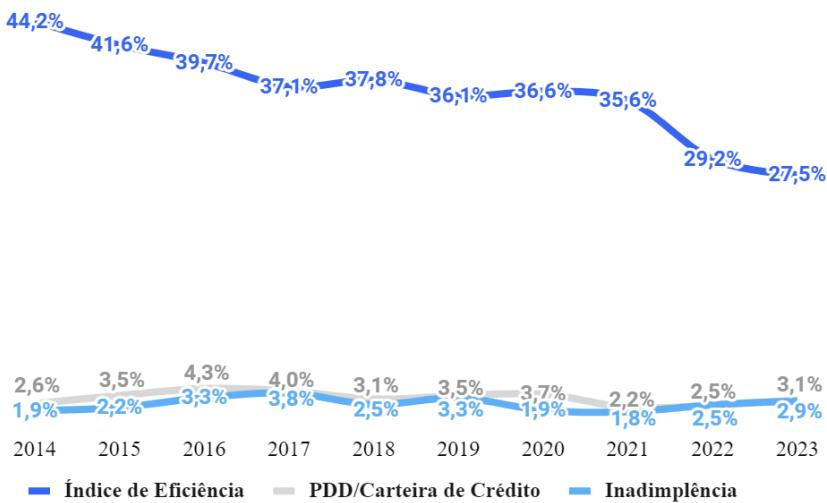
É claro que esse conservadorismo implica em uma rentabilidade relativamente menor quando o mercado está aquecido. Por outro lado, durante crises, existe uma proteção maior devido às suas características.

Não só o Banco manteve sua operação rodando com bastante conservadorismo, como também iniciou um conjunto de medidas para

reorganização institucional, visando aumentar sua produtividade através de cortes de despesas de pessoal e administrativas.

Com isso, o Índice de Eficiência, que retrata a participação dessas despesas em relação à receita financeira, atingiu 27,5% (figura abaixo), o menor entre os bancões. Refutando a tese de que, por ser uma estatal, sua eficiência é pequena.

Desde então, o Banco do Brasil também intensificou sua estratégia de redução de custos, a partir do fechamento de mais de 1300 agências, bem como a redução do seu quadro de funcionários. Isto pois, com o avanço das fintechs, os grandes bancos precisaram otimizar sua estrutura de custos, justamente para conseguirem competir em ambiente de maior concorrência.



*Indicadores de desempenho, risco e atraso.
Fonte: RI Banco do Brasil / Elaboração: Simpla Club.*

É interessante analisar a PDD em relação à carteira de crédito, porque isso nos mostra se essa operação está tomando mais risco ou não. Quando os empréstimos e financiamento são concedidos a públicos com maior risco de crédito, os bancos são obrigados a provisionar parte desse montante para devedores duvidosos.

Logo, quando o mercado está em crise e o risco de crédito sobe, a inadimplência também aumenta e o banco é obrigado a provisionar mais recursos. Assim sendo, o Banco do Brasil compensa um *spread* bancário menor em relação aos outros *players* com um baixo índice de inadimplência e PDD.

Além do mais, vale comentar que a PDD incide diretamente sobre o lucro líquido, portanto, quanto menor esse número, maior o lucro, beneficiando sua distribuição de dividendos e sua rentabilidade. Justamente agora que o mercado está mais avesso ao risco, o Banco do Brasil possui uma das melhores rentabilidades do sistema financeiro, com um ROE no seu auge de aproximadamente 20%, conforme ilustra o gráfico a seguir.



Lucro por ação, lucratividade e rentabilidade.
Fonte: RI Banco do Brasil / Elaboração: Simpla Club.

Por fim, a robustez do Banco do Brasil também se manifesta através de indicadores como Índice de Cobertura e Índice de Basileia. Enquanto o primeiro demonstra o excesso de capital que o banco já provisionou para contas inadimplentes acima de 90 dias, o segundo indicador mostra a solvência da instituição.

Verdade seja dita, todos os grandes bancos operantes no Brasil possuem esses indicadores bem sólidos, embora no caso do BB vemos indicadores ainda mais conservadores, o que reforça toda a sua filosofia de investimento. Isso nos diz que seus resultados podem ser menos voláteis e ainda com potencial de crescimento da carteira de crédito.

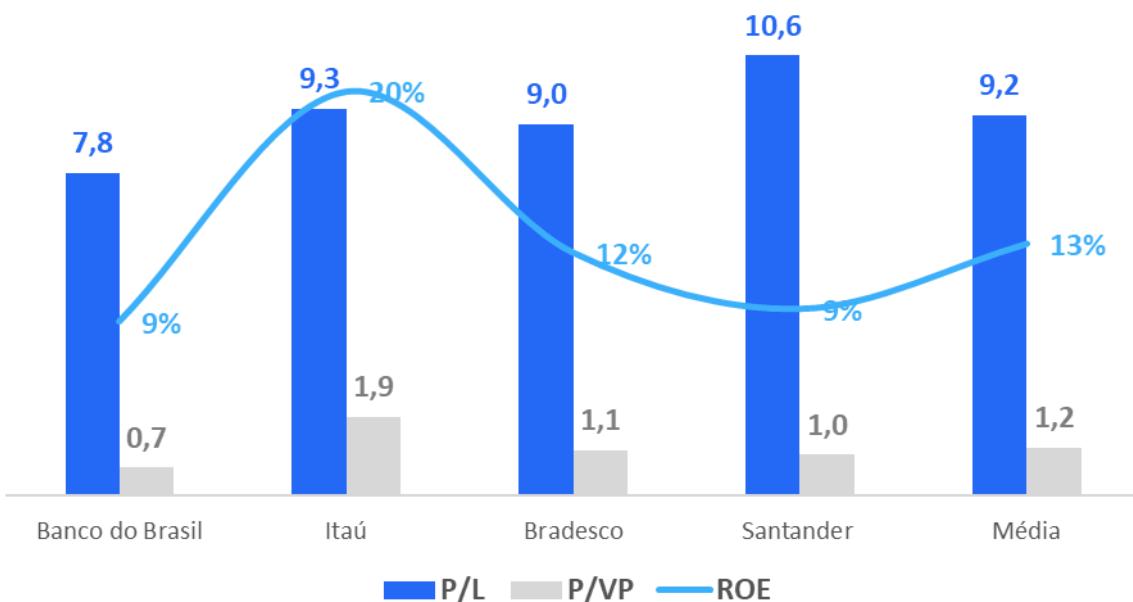
Valuation

Análise de Múltiplos

O primeiro método consiste na análise dos múltiplos das empresas. Para que sua eficiência seja atestada, é coerente que se compare empresas de mesmo setor de atuação e que, ainda por cima, essas empresas estejam no mesmo ciclo de vida. Isto é, se estão em expansão, maturidade ou decaimento de suas atividades.

Para a análise foram escolhidos os bancos Itaú (ITUB4), Santander (SANB11) e Bradesco (BBDC4) para compor a comparação entre os múltiplos destacados a seguir:

- ❖ **P/L:** indica o quanto os acionistas estão dispostos a pagar pelo lucro da companhia, de outra forma, quantos anos os acionistas estão dispostos a investir de maneira a recuperar seu aporte inicial.
- ❖ **P/VP:** relaciona o valor de mercado da companhia com o seu patrimônio líquido. Assim, esse múltiplo é aplicado para saber quanto os acionistas estão dispostos a pagar pelo patrimônio da empresa.

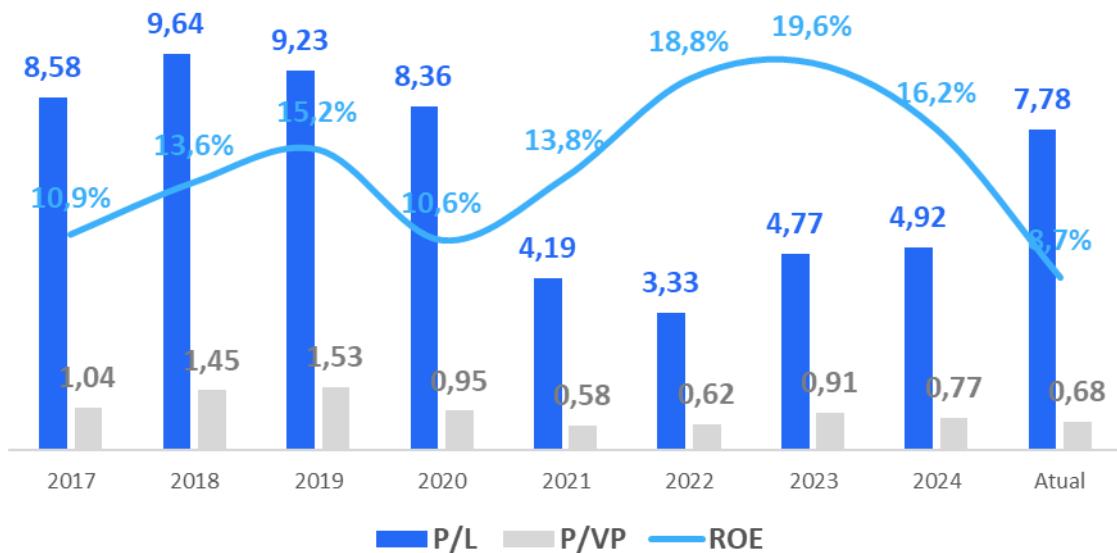


*Comparação de múltiplos.
Fonte: FactSet / Elaboração: Simpla Club.*

Em todos os múltiplos analisados, o Banco do Brasil negocia com desconto em relação aos pares, o que pode ser parcialmente explicado pela presença do Governo como acionista controlador — já que estatais costumam carregar um prêmio de risco maior em comparação à iniciativa privada.

No histórico de indicadores, observamos uma expansão do P/L, reflexo direto do momento de crise atravessado pelo banco, que pressionou o lucro líquido e, consequentemente, elevou esse múltiplo. Por essa razão, entendemos que o indicador mais adequado para avaliar o BB no atual contexto é o P/VPA, onde o banco negocia próximo das mínimas históricas.

Apesar de o valor patrimonial combinado ao ROE sugerir que o momento atual não é tão barato quanto parece à primeira vista, nossas projeções indicam que, superada a fase adversa no agronegócio, o Banco do Brasil deve retomar níveis de rentabilidade mais próximos do seu histórico. Nesse cenário, esperamos que o P/VPA volte gradualmente à média de longo prazo — o que reforça a tese de que o valuation atual representa um ponto de entrada atrativo.



Método do Valor Econômico Agregado (EVA)

Já que não existe uma separação clara entre capital de terceiros e capital próprio em instituições bancárias, o Método do Fluxo de Caixa Descontado se torna pouco preciso.

O Método do Valor Econômico Agregado (EVA), todavia, tem semelhanças algébricas, como por exemplo a projeção de retornos no futuro e trazendo-os a valor presente a um custo. Neste caso, projetamos como o patrimônio líquido pode crescer para os próximos anos, seguido do crescimento na perpetuidade.

Portanto, somamos o retorno obtido ao longo dos anos com base no ROE projetado para a companhia e trazemos a valor presente utilizando o custo de capital. Em seguida, aplicamos a nossa margem de segurança em relação ao preço justo encontrado para a companhia.

Para o Banco do Brasil, já considerando a margem de segurança em nossas projeções, o preço justo encontrado é levemente superior ao atual preço de tela de suas ações.

Opinião do Analista

O Banco do Brasil já atravessou diversas crises ao longo de sua história — políticas, econômicas e setoriais. Nas duas mais recentes (2014–2016 e COVID-19), o BB demonstrou de forma clara sua solidez financeira. Embora a rentabilidade seja naturalmente pressionada em períodos adversos, assim como ocorre com praticamente todas as empresas, o Banco do Brasil tem histórico consistente de recuperação, o que reforça nossa expectativa de retomada de resultados nos próximos anos.

Após anos consecutivos de lucros recordes, 2025 marcou uma forte volatilidade para o banco, decorrente sobretudo da deterioração do agronegócio. Como a instituição possui elevada exposição ao setor, foi a mais impactada pelo aumento dos pedidos de recuperação judicial e pela piora da capacidade de pagamento dos produtores — o que explica a performance negativa recente.

Pedidos de recuperação judicial de produtores rurais aumentam 61% em um ano

Até o segundo trimestre deste ano, já foram registrados 565 solicitações

[Davi Vittorazzi](#), da CNN Brasil, Brasília

28/10/25 às 07:00 | Atualizado 28/10/25 às 11:20

*Notícia sobre os pedidos de RJ no agro.
Fonte: CNN Brasil.*

Apesar disso, não interpretamos esse movimento como estrutural. Acreditamos que a piora conjuntural do agro não altera os fundamentos de longo prazo do banco, abrindo uma oportunidade para adquirir ações de uma instituição sólida, rentável e líder de mercado a um preço descontado.

Por ser uma estatal, o Banco do Brasil sempre enfrenta questionamentos em relação ao risco de interferência política. Esse fator exige que seus múltiplos negociem com algum nível de desconto — uma margem de segurança para eventuais impactos. Ocorre que, hoje, esse desconto está excessivamente elevado, tornando o BB um dos bancos mais baratos do mundo quando comparado a seus pares globais.

Com base na nossa visão de longo prazo, entendemos que o preço atual de BBAS3 é adequado para o investidor com mentalidade de sócio. Por isso, reiteramos a recomendação de COMPRA para as ações do Banco do Brasil.

Equipe

**Gabriel Bassotto**

Analista CNPI especialista em

Ações Brasileiras

**Carlos Júnior**

Analista CNPI especialista em

Fundos Imobiliários

**Thiago Armentano**

Analista CNPI especialista em

Ativos Globais

**Guilherme La Vega**

Analista CNPI especialista em

Ações Brasileiras

Acompanhamento

relatório atualizado em 08.12.2025

Nossa equipe de analistas está atenta a todas as movimentações relevantes, mantendo os *rankings* e seus respectivos fundamentos atualizados todas as semanas. Em caso de grandes mudanças, os relatórios também podem ser atualizados.

Disclaimer

Todas as análises aqui apresentadas foram elaboradas pelo analista de valores mobiliários autônomo Guilherme Rabelo De La Vega Nunes (CNPI 8950), com objetivo de orientar e auxiliar o investidor em suas decisões de investimento; portanto, o material não se constitui em oferta de compra e venda de nenhum título ou valor imobiliário contido. O investidor será responsável, de forma exclusiva, pelas suas decisões de investimento e estratégias financeiras. O relatório contém informações que atendem a diversos perfis de investimento, sendo o investidor responsável por verificar e atentar para as informações próprias ao seu perfil de investimento, uma vez que as informações constantes deste material não são adequadas para todos os investidores. Os analistas responsáveis pela elaboração deste relatório declararam, nos termos da Resolução CVM nº 20/2021, que as recomendações do relatório de análise refletem única e exclusivamente as suas opiniões pessoais e foram elaboradas de forma independente, inclusive em relação à pessoa jurídica à qual estão vinculados. Além disso, os analistas envolvidos não estão em situação que possam afetar a imparcialidade do relatório ou que possam configurar conflitos de interesse. A elaboração desse material se deu de maneira independente, e o conteúdo nele divulgado não pode ser copiado, reproduzido ou distribuído, no todo ou em parte, a terceiros, sem autorização prévia.



